



# SOBRE ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA ORAL E LITERATURA\*

*Frederico Augusto Garcia Fernandes*

Mestrando em Literatura na  
Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Assis)

Neste artigo reflito sobre algumas relações entre História oral e Literatura. Ele está dividido em duas partes: na primeira discuto questões de Teoria Literária, identificando certa literariedade em cinco entrevistas de História oral. Na segunda, enfoco algumas possibilidades de trabalho com a História oral na construção da história literária e da coleta das manifestações populares.

Palavras-chave: literatura; História oral; narrador.

---

*In this article I do a reflection about some the relationship between oral History and Literature. It is divided into two parts; in the first I discuss questions of Literary Theory, identifying some literary aspects in five oral History interviews. In the last, I approach some possibilities of work with the oral History in the construction of literary history and the collect of popular manifestations.*

*Keywords: literature; oral History; narrator.*

\* Este artigo é oriundo de um trabalho de Iniciação Científica desenvolvido na UFMS/Corumbá (Departamento de Ciências Humanas e Letras), sob a orientação do Prof. Eudes Fernando Leite.

---

*...a estória não se quer história.  
A estória, em rigor, deve ser contra a História.  
A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota.*

João Guimarães Rosa

**H**istória e Literatura possuem fronteiras frágeis que às vezes se confundem. Vários teóricos estão debruçados sobre a literariedade da historiografia, a medida que vários romances, poesias, dentre outras manifestações de caráter ficcional, apresentam a sociedade, o homem e certos fatos históricos diluídos no *corpus* estético de uma obra. Poderia citar inúmeros exemplos e resenhar vários trabalhos que vêm surgindo com frequência nas últimas décadas<sup>1</sup>, mas limitarei esta discussão para um aspecto nem tanto relevante: a História oral e a literatura. Neste caso, as expressões orais são reforçadas pelo brilho das manifestações literárias e dos depoimentos de pessoas que são entrevistadas mediante o emprego das técnicas de História oral.

Assim, começarei abordando as entrevistas de História oral, por perceber nelas certas características que não são encontradas naquelas feitas pela maioria dos jornalistas e, também, por alguns pesquisadores das Ciências Humanas. O que estou enfocando é o modo como são realizadas as entrevistas. O

---

<sup>1</sup> Nesta linha cito o trabalho de Hayden WHITE (1994) e o artigo de Antônio Celso FERREIRA (1996), entre outros.

narrar fluente, ou não, das histórias de vida de pessoas, muitas vezes desconhecidas, é um dos objetivos do entrevistador (pesquisador) que trabalha com a História oral. Por outro lado, a presentificação dos fatos e os questionários com perguntas fechadas são abolidos, aflorando a narrativa como instrumento de concretude da memória – faculdade de evocar voluntariamente um passado.

Tais caminhos me levam a duas searas: a do cronista e a do narrador. Cabe tomar Walter Benjamin (1987), em seu ensaio sobre o narrador, que estabeleceu categoricamente a diferença entre eles:

O cronista é o narrador da história. [...] O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através de seus representantes clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna (BENJAMIN, 1987, p. 209).

Desta forma, ao apresentar sua versão sobre um determinado tema, o narrador não tenciona explicar o espaço e o tempo em que ocorreram os fatos contidos em sua memória. Adverso a isso, o espaço e o tempo se tornam elementos comuns ao seu dispor, servindo para estruturar sua narrativa. Auerbach (1971), no capítulo “A cicatriz de Ulisses”, do seu livro *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, apontou as duas grandes tradições literárias ocidentais: a memória épica de Homero e a memória dramática do Velho Testamento. Não quero, aqui, entrar nas múltiplas facetas que Auerbach soube observar sabiamente, mas sim destacar uma das características básicas da memória épica de Homero, que é a falta de um pano de fundo na narrativa. O que interessava ao poeta era exteriorizar seus sentimentos; para isso foi necessário presentificar os fenômenos vividos por Ulisses e, conseqüentemente, enfatizá-los. Nesta mesma tradição é que o aspecto temporal na narrativa de História oral está embasado. A temporalidade não se dá, portanto, como uma seqüência linear, substituindo, a qualquer minuto, as diversas situações narradas.

Sendo que a ausência de um pano de fundo (e em decorrência uma narrativa não-linear e fragmentada) implica uma valorização dos sentimentos do poeta, intriga-me saber o que leva o mesmo a manifestá-los e, numa segunda perspectiva, como são expressados. Daí, e já riscando um elo com a História oral, o simples ato da pessoa (também agente histórica) conceder uma entrevista, leva-me a desconfiar de uma razão e um motivo para tal ação, ou

melhor, razões e motivos. O desejo de exteriorização de sentimentos é um elemento de destaque neste conjunto de razões e motivos, pois é crivado pela emoção na maioria dos narradores/entrevistados ao ouvirem suas próprias entrevistas, ou pelo fato de serem reconhecidos por seus feitos passados para que estes não se apaguem com o passar dos tempos.

Se as entranhas da obra literária revelam, como também um depoimento de História oral, um emaranhado de razões e motivos que vão desaguar no desejo de exteriorização dos sentimentos, não posso deixar de reconhecer a importância que ambas possuem como condutoras e transmissoras culturais, ao passo que a primeira fundamenta-se na transmissão oral e escrita, já a segunda somente na oral.

Há ainda outro apontamento sobre a entrevista: sua relação com a memória. Dentre as inúmeras discussões acerca da memória, torna-se imprescindível lançar mão de uma observação:

Essa deusa feminina [Mnemosyne] revela as ligações obscuras entre o ‘rememorar’ e o ‘inventar’: a musa inspiradora da ‘invenção’ poética é ela própria, filha da Memória. [...] Importa mais uma vez repetir, com Freud e com os gregos, que a nível psíquico, memória e ficção se equivalem. E não é à toa que Freud cunhou a expressão ‘romance familiar dos neuróticos’ para a história de vida de cada um (MENESES, 1991, p. 12).

A ligação memória e ficção possibilita-me discutir dois significados remetidos a este último signo. O primeiro é entender ficção como falsidade, mentira, irreabilidade... Numa segunda perspectiva, se se analisar *stricto sensu*, ficção pode ser entendida como “estilização da realidade”, ou melhor, “a ficção é parasita da realidade”, conforme asseverou Umberto Eco (1994). Daí, torna-se possível dizer que ficção é um simulacro (cópia da cópia), uma interpretação sobre determinada realidade, como fez Van Gogh ao pintar *O quarto de Arles* (1889), copiando uma cama (cópia, pois produto de uma idéia) para sua tela (In: WALTY, 1985).

Estes aspectos extraídos das entrevistas de História oral – narrativa crivada pelo subjetivo, desejo de exteriorização dos sentimentos, ficcionalidade, tempo psicológico – levam-me a perceber uma aproximação com a esfera literária. Em função disso, deverei, então, discutir até onde vão as fronteiras do universo literário? Certamente isto me desviaria da proposta temática deste texto. De qualquer forma, a fim de explicitar melhor minhas reflexões, é preci-

so adentrar o terreno da Teoria Literária, na tentativa de buscarmos uma definição para o conceito de literatura. E, neste sentido, Alceu Amoroso Lima (1990) contemplou três.

A primeira é a literatura *lato sensu*. Nesta linha de raciocínio, tudo o que é publicado pode ser entendido como obra literária, desde os compêndios de Química e Física até as obras de Camões, por exemplo. Paradoxalmente, há o olhar sobre a literatura *stricto sensu*, isto é, somente se considera literatura aquilo que é subjetivo, deslindando-a da realidade. Este conceito é, segundo Amoroso Lima, “purista e extremado”, pois as influências sociais e culturais de uma certa época, contidas numa obra literária, são tergiversadas. Por último, há o sentido “corrente”, um conceito mediano, em que a Literatura é tomada como uma expressão verbal utilizada com um fim (estilo), que se volta para seu instrumento de expressão (a palavra). Poderei explicá-lo fazendo as seguintes comparações: 1) toda a dança é constituída de passos, mas nem todo passo se consolida como uma dança; e 2) toda literatura é uma expressão verbal, mas nem toda expressão verbal pode ser considerada um texto literário.

Acrescento que nesta perspectiva a criação literária não está tão afastada das narrativas que emanam da História oral. Há, porém, a necessidade de identificar o estilo nas narrativas, aquele responsável pela finalidade da expressão verbal, enaltecendo a própria palavra.

Ressalto que o material utilizado neste trabalho, com a intenção de se verificar os sinais de literariedade descritos anteriormente, são cinco entrevistas feitas com personagens ligadas ao Golpe Militar de 64, na cidade de Aquidauana, MS.<sup>2</sup>

Estabeleço, em princípio, a diferença entre estilo de época: atitude de uma cultura que surge com tendências análogas às manifestações artísticas; e estilo individual: conjunto de traços situados na escolha do vocabulário, na ênfase dos termos e na propensão para determinadas figuras de linguagem (In: PROENÇA FILHO, 1992). As entrevistas que analisei são assinaladas pelo

---

<sup>2</sup> As entrevistas foram feitas entre 1992 e 1994, pelo projeto de pesquisa *Participação política em Aquidauana: o golpe de 64*, desenvolvido no Departamento de Ciências Humanas e Letras (DHL) do Centro Universitário de Corumbá, *campus* da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Sobre esta questão ver também: Eudes Fernando LEITE (1994).

estilo individual, resultando numa multiplicidade de observações sobre como são narrados os fatos.

De uma forma geral, as entrevistas de história de vida<sup>3</sup> seguem uma estrutura que Mikhail Bakhtin (1994) observa nas narrativas de autobiografia e biografias da antiguidade. As partes integrantes dessa estrutura são o “cronotopo: caminho de vida do indivíduo em busca do conhecimento”, a “autoglorificação: processo de exteriorização dos sentimentos, ou seja, a pessoa entrevistada visa reconstituir a existência de si”, e, por último, a “autojustificação de vida pública: que se dá na interpretação que os entrevistados têm de suas próprias ações”. O uso de clichês, tomados aqui na acepção de jargões de época, e variadas figuras de linguagem também integram o repertório estilístico das narrativas dos entrevistados. Como há vários apontamentos neste sentido, tomo como exemplo parte da narrativa de Osvaldo Jacques Sanches:

... nós tratava ele de Babão, um homem com quase oitenta anos, setenta e tantos anos que inclusive não tinha governo dos intestinos. Comia uma barbaridade, não havia o quê! Tinha uma fome canina, e três dias teve o homem lá [preso no quartel]. Bobo, porque ele falava que era, era de linha dura. Que era tempo de degolá, pra ele o bom era degolá. Mas ele era caduco, porque ele ficava lá comendo o resto, tudo o que era resto de pão que tinha que os outros não queriam ele comia. E caminhava arrastando os pés. Um homem gordo, barrigudo, que não podia caminhar quase. Ele ia arrastando os pés, então ele ficava lá trás pra ir pro rancho, enquanto nós comia no rancho (Entrevista com Osvaldo Jacques Sanches, 1992).

Podemos perceber uma certa literariedade à medida que o narrador lança mão de algumas figuras de linguagem como a hipérbole “tinha uma fome canina” e o eufemismo “não tinha governo dos intestinos”. A literariedade, entretanto, não é homogênea e está em profunda relação com o período histó-

---

<sup>3</sup> No decorrer da pesquisa, foram realizadas entrevistas de História oral de vida com: Ênio Cabral (em 29/01/1993) e Leonardo Nunes da Cunha (13/09/1994), e História oral temática com: Heliophar Serra (27/11/1993), Osvaldo Jacques Sanches (1992) e Clealdon Assis (31/12/1993). Segundo José Carlos Sebe BOM MEIHY (1993), História oral de vida e temática tratam de questões sincrônicas ao momento vivencial do depoente; a diferença é que, como o próprio nome dá a entender, uma aborda um determinado tema ao passo que a outra leva em conta todas as lembranças do depoente. O autor aponta também outra vertente da História oral: a tradição oral, diz ele: “por estar atenta às transmissões do arcaico, percebe o indivíduo enquanto um veículo da transmissão de mitos e tradições antigas” (p. 23).

rico (Brasil década de 60), que é o alvo central do tema abordado. Por estas considerações, percebi que há um misto entre historicidade e literariedade nas narrativas oriundas das técnicas de História oral. Estou falando, portanto, de uma expressão literária em que está contemplada uma “desequilibrada miscigenação e onde o teor estético-literário não raro se reduz a uma série de traços irrelevantes e superficiais”. Massaud Moisés (1993) classificou esta esfera fronteiriça entre Literatura e História de “expressão híbrida”. Situar a História oral num entremeio da História e Literatura não se trata de reivindicar para os literatos a posse da entrevista como objeto exclusivo de análise artística, mas mostrar possibilidade de investigação a partir delas e, de uma perspectiva de abordagem da linguagem literária no campo da oralidade.

“Não há arte sem voz”, disse Paul Zumthor ao estudar a obra de jograis e trovadores medievais. Desta forma, as narrativas de cronistas hodiernos podem contribuir com a Literatura e com a História, à medida que não abandonam as estruturas de uma autobiografia (conforme aponta Bakhtin), que apresentam figuras de linguagem na construção do discurso, que estão vivas na memória e, por conseguinte, apresentam ficcionalidade. É por isso que mesmo no campo da oralidade História e Literatura também se aproximam.

As relações entre História oral e Literatura se dão também no campo da investigação e da coleta da literatura popular. Aqui, por outro lado, volto-me mais à aplicação das técnicas de História oral do que para a análise da entrevista, como procedi acima.

Se me propus refletir sobre a relação História oral/Literatura sob o enfoque da investigação é porque notei que, em certas passagens da história literária, muito se primou pela caracterização do real na narração prosaica. Paul Thompson (1992) observa que Émile Zola, para escrever *O Germinal* (1885), buscou detalhes da vida social de mineiros, embasado em depoimentos destes operários que viviam em Mons, na França. Tais relatos serviram para o escritor compreender os conflitos entre as categorias e as classes sociais e descrevê-los de forma minuciosa e realista em seu romance. Daniel Defoe, em *Robinson Crusoe* (1719), citou a transação comercial de escravos no Brasil colônia, sem nunca ter posto seus pés aqui. Isto foi possível devido ao fato de dialogar com marinheiros portugueses que lhe forneceram dados.

Não estou afirmando que estes escritores realizaram entrevistas de História oral, principalmente se se levar em conta a realidade tecnológica das épocas. O que procuro destacar é o caráter investigatório, concretizado através das entrevistas feitas por Zola e dos diálogos de Defoe, no sentido de obterem fontes necessárias à confecção de suas obras. A História oral, assim, pode apresentar um certo avanço em relação a isso. Pelo fato de as entrevistas terem como característica o depoimento de pessoas, o escritor pode extrair dados de diversos segmentos sociais para, posteriormente, promover o que Ferreira Gullar (s/d.) chamou de o “reencontro da arte com a legitimidade cultural”. Em outras palavras, trata-se de uma preocupação do escritor em construir seu romance, conto, poesia, peça, entre outras formas de criações literárias, tendo o olhar voltado para o contexto sócio-histórico-cultural.

Dentre outras perspectivas que me escapam, ainda na ótica da investigação, é mister falar sobre a construção da história literária. Muitas obras, referentes aos períodos literários, são escritas levando-se em consideração, única e exclusivamente, registros escritos em que, de alguma forma, lembranças de pessoas que criaram obras e/ou vivenciaram momentos notáveis são tergiversadas. O relato oral abre veredas sem-número para os pesquisadores da literatura atual, possibilitando uma aglomeração de interpretações sobre as transformações literárias.

Existe, somada a isso, a perspectiva do resgate folclórico, isto é, utilizar-se das técnicas de História oral para coletar inúmeras manifestações das tradições populares, como lendas, contos, cantos, poesias, entre outras. Nesse caso, as entrevistas podem, às vezes, incitar os narradores a contar *causos*. Nestas histórias, geralmente narradas em primeira pessoa, em que a ficção e a realidade se misturam na memória, o contador sempre será uma testemunha e/ou protagonista da aventura que narra. Retomando Paul Thompson, em *A voz do passado*, ele traz um exemplo claro disto. A fim de pesquisar sobre a consciência de classe na categoria dos lavradores, Thompson entrevistou Willie Robertson, lavrador inglês nascido em 1886, e percebeu que ele se apropriou de uma lenda (narrando-a como se a tivesse vivido), para mostrar a diferença e o preconceito sociais existentes entre os proprietários de terra e os seus empregados. Uma justificativa para este fato encontra-se em Michael Pollak

(1992), quem observa dois tipos de acontecimentos: os “vividoss pessoalmente” e os “vividoss por tabela”. Nas palavras deste sociólogo:

São acontecimentos [os vividoss por tabela] dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLLAK, 1992, p. 201).

Considerando a definição pollakiana, começa a clarear o vínculo que há entre história de vida e lendas. Através da cultura popular do falante (citado por Thompson) é narrada, de maneira simbólica, uma lenda oriunda de uma memória coletiva, da qual o narrador diz ter participado.

Pelo fato de o relato popular ser manifestado de forma oral a tendência é ser esquecido ou sofrer profundas mudanças no decorrer do tempo. Como tanta coisa já se perdeu, e vem se perdendo, a História oral se põe como um método de fundamental importância para coletar manifestações da tradição popular, em uma dada comunidade, bem como divulgá-las e colocar em cena o próprio condutor desta tradição.

Em síntese, o fio condutor entre História oral e Literatura é a memória. A lembrança torna-se o pilar em que estão sustentadas as entrevistas, possibilitando, por sua vez e com certo grau de ficcionalidade nela existente, a narrativa de acontecimentos. Portanto, de alguma forma, encurta-se cada vez mais a distância entre História e Literatura, mesmo que a *estória não se queira história*, como dizia João Guimarães Rosa.

### Referências Bibliográficas

- AUERBACH, Erich. *Mimesis* : a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo : Edusp : Perspectiva, 1971.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estética e literatura*. 3.ed. São Paulo : Ed. Unesp, 1994.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política* : ensaios sobre literatura e história. 3.ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Entrevista. *Revista Pós-História*, Assis, Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, v. 1, 1993.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo : Cia. das Letras, 1994.
- FERREIRA, Antônio Celso. História e literatura : fronteiras móveis e desafios disciplinares. *Revista Pós-História*, Assis, Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, v. 4, 1996.

- GULLAR, Ferreira. Função do artista. *Cadernos do CPC*, São Paulo : UMES, s/d.
- MENESES, Adélia Bezerra de. Memória e ficção. *Resgate – Revista de Cultura do Centro de Memória – Unicamp*, Campinas, 1991, n. 3.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A criação literária : prosa*. 8.ed. São Paulo : Cultrix, 1993.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral : caminhos e descaminhos*. s.n.t. mimeo.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2.ed. Campinas : Ed. Unicamp, 1992.
- LEITE, Eudes Fernando. *Aquidauana : a baioneta, a toga e a utopia, nos entremeios de uma pretensa revolução*. Assis, 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp/Assis.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Jornalismo como gênero literário*. São Paulo : Edusp, 1990.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- PROENÇA FILHO, Domicio. *A linguagem literária*. São Paulo : Ática, 1992.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado : história oral*. São Paulo : Paz e Terra, 1992.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. *O que é ficção*. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso : ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

